

ANO 1 - NÚMERO 4 - FEVEREIRO 2015

# Xapuri

SOCIOAMBIENTAL

R\$ 7,90

## O CÉU COMO ESPELHO

SATÉLITE BRASILEIRO REFORÇA  
MONITORAMENTO AMBIENTAL NO PAÍS.

p. 11



### BIODIVERSIDADE

ALGO DE ESTRANHO ACONTECE  
NO MUNDO DAS ABELHAS

p. 16

### EDUCAÇÃO EM GOIÁS

OS DESAFIOS DA VALORIZAÇÃO  
DO MAGISTÉRIO

p. 32

### MEMÓRIA

CLÓVIS BUENO  
MONTEIRO

p. 42



# IEMANJÁ RAINHA DO MAR

Dandalunda, Inaé, Ísis, Janaina, Marabô, Maria, Mucunã, Princesa de Aiocá, Princesa do Mar, Sereia do Mar, Iemanjá... Rainha do Mar. Muitos nomes para o mesmo orixá ou divindade das religiões de origem africana como o Candomblé e a Umbanda. Padroeira dos pescadores, Iemanjá, cujo nome deriva do Yorubá "Yèyè omo ejá" (mãe cujos filhotes são das águas, como os peixes), é celebrada no dia 2 de fevereiro, na Bahia, e também em 15 de agosto, 8 de dezembro e 31 de dezembro. Vaidosa, gosta de espelhos, flores, cantos e afagos. Odoiã, Iemanjá!



CONDOMÍNIO  
ASAS DOURADAS

CONFORTO E QUALIDADE DE VIDA



- **SEGURANÇA NA PORTARIA**
- **MONITORAMENTO 24H**
- **REDE ELÉTRICA**
- **REDE DE ESGOTO**
- **ESPAÇO FITNESS**
- **PISTA PARA CAMINHADA**
- **ACESSIBILIDADE**
- **ASFALTO**

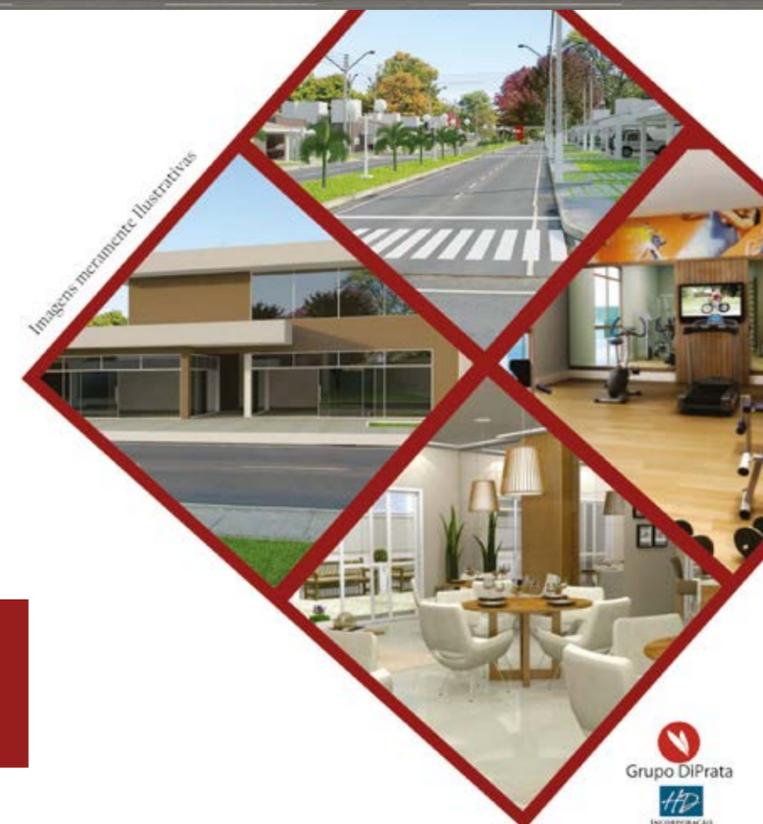
**Paraíso do Bem-Viver  
no Coração de Formosa**  
a menos de 80 km de Brasília

Condomínio Asas Douradas

Rua Heitor Vila Lobos - Setor Jardim Califórnia - Formosa - Goiás  
(ao lado da Loja Maçônica)

Preços somente com os corretores, por telefone, ou na Imobiliária DiPrata

**(61) 3631.8029 / 8625.7084**





**N**o mês do Carnaval, quando os sorrisos da alegria e da esperança enchem as faces de nossa gente, cá estamos com novos temas a fomentar o debate. A Xapuri deste mês traz em sua capa um pedacinho do Brasil visto lá de cima, do satélite lançado recentemente em parceria com a China para cuidar do território brasileiro.

Do espaço, o equipamento repassa informações precisas sobre a evolução da presença humana no território brasileiro. Da vida nas cidades à situação dos rios, lagos e lagoas, até a ação solerte das motosserras no Cerrado e Amazônia, tudo nos chega prontamente para que possamos analisar, pensar e agir.

E aqui em solo firme, no mês em que se celebra Iemanjá, a rainha do mar, as abelhas se rebelam contra as alterações ambientais e atacam pessoas ou simplesmente partem, em enxames, para a morte. A zoadá que fazem ao partir deve ser ouvida como um sinal de alerta para todos e todas nós.

Neste número, trazemos também a memória do revolucionário Clóvis Monteiro, mais um artigo de Leonardo Boff e uma reflexão sobre o destino do bioma Cerrado, por nosso novo colaborador fixo, que é o antropólogo e arqueólogo Altair Sales Barbosa, pesquisador da vida no Cerrado. Essas e as outras matérias da edição foram pensadas e produzidas com muito carinho para fomentar o diálogo em defesa do meio ambiente e de uma melhor qualidade de vida para todos e todas nós. Esperamos continuar contando com você, leitor/a, nessa caminhada.

Reforçamos, com sinceridade, a importância que têm as parcerias para um veículo de comunicação independente. A simples assinatura da versão da revista em papel já é uma demonstração de apoio. Custa pouco pra quem a faz e vale muito para que possamos seguir adiante. Grato abraço e boa leitura!

**Zezé Weiss, Jaime Sautchuk**  
Editores

**Xapuri** – Palavra herdada do extinto povo indígena Chapurys, que habitou as terras banhadas pelo Rio Acre, na região onde hoje se encontra o município acreano de Xapuri. Significa: “Rio antes”, ou o que vem antes, o princípio das coisas.

**Boas-Vindas!**



[www.xapuri.info](http://www.xapuri.info)

Uma revista socioambiental,  
um espaço criativo, alto-astrol,  
independente, onde a informação  
circula e as coisas acontecem.

Nós fazemos a **Xapuri** acontecer.  
Você, com sua assinatura, fará a  
**Xapuri** continuar acontecendo.

**Assine agora!**



**ASSINATURA  
ANUAL  
12 EDIÇÕES**

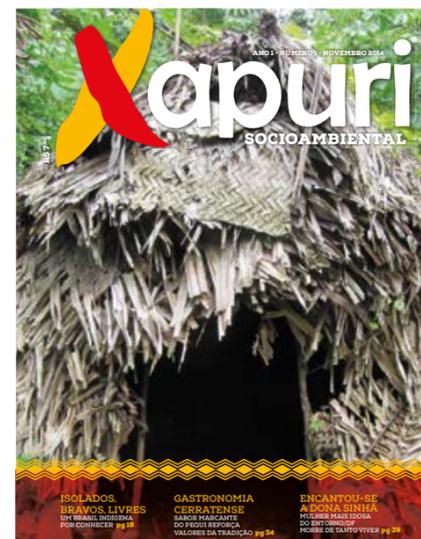
**R\$ 75,00**

**PARA QUALQUER LUGAR DO BRASIL**

**COMO  
ASSINAR**



acesse:  
**www.xapuri.info**



Excelente linha editorial. Bem  
estilo de pessoas com cabeças  
boas.  
**Jander Paulo de Sousa,**  
jornalista. Formosa, Goiás.

Parabéns equipe Xapuri! A  
revista é o máximo! Muito  
sucesso para vocês!  
**Patrícia Villas,** artista plástica,  
comunicóloga. Uberaba, Minas  
Gerais.

Trabalho coletivo, muitas mãos  
juntas produzindo conteúdo de  
relevância social.  
Uma beleza!  
**Eglê Kohlrausch,** professora  
adjunta da UFRGS. Porto Alegre,  
Rio Grande do Sul.

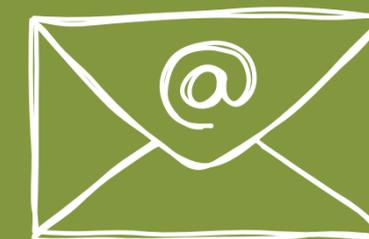
Excelente leitura, rica em  
informações e cultura. Qualidade  
comparável à das grandes  
publicações.  
**Paulo Victor,** cientista político.  
Brasília, Distrito Federal.

Zezé Weiss, parabéns pela  
revista! Li seu artigo sobre  
as ligas camponesas, tema  
que sempre chamou minha  
atenção, pois papai era amigo  
de José Porfírio, líder camponês  
goiano, parceiro de Julião e  
primeiro trabalhador sem-  
terra eleito deputado no Brasil.  
Também li o artigo do Jaime  
Sautchuk sobre Goiás, este  
generoso e gigante poeta de  
"Minas-Goiás". Obrigado a vocês  
pelos resgates de histórias e  
personagens tão importantes  
na formação de nosso País.  
Xapuri Socioambiental é uma  
revista necessária!  
**Juarez Martins,** jornalista.  
Brasília, Distrito Federal.

Cada vez mais bonita essa  
revista. Parabéns!  
**Carlos Caridade,** professor.  
Brasília, Distrito Federal

A revista ficou bacana.  
Artigos bem interessantes.  
Desculpe, mas a meu ver  
há algum descompasso no  
tratamento gráfico visual  
do material publicitário.  
Pode ser visível, dar o  
recado, porém numa  
abordagem mais discreta  
e elegante. Assim, parece  
um tanto ruidoso. Quero ler  
sobre o Goiás, certa vez o  
Jaime me falou a respeito  
desse grande poeta e  
compositor, são dele muitos  
sucessos da música caipira.  
Boa sorte na distribuição  
da revista.  
**Rômulo Pinto Andrade,**  
professor, artista gráfico,  
poeta, escritor. Brasília,  
Distrito Federal.

**contato@xapuri.info**



**Mensagens  
pra Xapuri**

“ O correr da vida embrulha tudo. A vida é assim: esquenta e esfria, aperta e daí afrouxa, sossega e depois desinquieta. O que ela quer da gente é coragem.”

João Guimarães Rosa  
Trecho de Grande Sertão: Veredas

## COLABORADORES/COLABORADORAS FEVEREIRO

**Aldimar Nunes Vieira** – Fotógrafo; **Altair Sales Barbosa** – Pesquisador, Professor; **Amanda Lima** – Publicitária; **Anderson Blaine** – Web Designer; **Danilo Silva Pinto** – Jornalista; **Jaime Sautchuk** – Jornalista, Escritor; **Guilherme Cobelo** – Historiador, Livreiro; **Janaina Faustino** – Gestora Ambiental; **José Israel Abrantes** – Fotógrafo; **José Leonardo Ferreira** – Cientista, Físico; **Leonardo Boff** – Teólogo, Filósofo, Escritor; **Lúcia Resende** – Mestra em Educação pela UnB; **Mayte Souza** – Fotógrafa; **Nazaré Pereira** – Compositora, Cantora; **Renato Soares** – Fotógrafo; **Rui Bozza/ITS** – Fotógrafo; **Rui Faquini** – Fotógrafo; **Sueiro Sales Banê** – Escritor, Liderança Indígena Kaxinawá; **Eduardo Weiss** – Cientista Social; **Fernanda Ferreira** – Fotógrafa; **Fernanda Queiroz** – Fotógrafa; **Priscila Silva** – Psicopedagoga; **Priscilla Miranda** – Administradora; **Sérgio Vale** – Fotógrafo; **Zeze Weiss** – Jornalista.

## CONSELHO EDITORIAL

- |                      |                     |
|----------------------|---------------------|
| 1. Jaime Sautchuk    | 7. Marcelo Manzatti |
| 2. Zezé Weiss        | 8. Neusimar Coelho  |
| 3. Binho Marques     | 9. Priscila Silva   |
| 4. Cássia Oliveira   | 10. Socorro Alves   |
| 5. Graça Fleury      | 11. Ronei Alves     |
| 6. Juan Pratginestòs | 12. Rui Faquini     |



## EXPEDIENTE

Xapuri Socioambiental  
Telefone: (61) 3044 7755. E-Mail: revista@xapuri.info. Razão Social: Xapuri Socioambiental Comunicação e Projetos Ltda. CNPJ: 10.417.786\0001-09. Endereço: BR 020 KM 09 – Setor Village – Caixa Postal 59 – CEP: 73.801-970 – Formosa, Goiás. Atendimento: Janaina Faustino (61) 9611 6826. Edição: Jaime Sautchuk (61) 9918-0983 – Zezé Weiss (61) 9974 3761. Revisão: Lúcia Resende, Maria Helena Schuster. Produção: Zezé Weiss. Jornalista Responsável: Thais Maria Pires - 386/GO. Capa: Foto Ruy Bozza - ITS Tiragem: 3.000 exemplares. Circulação: Revista Impressa - Brasília, Goiás, Planalto Central. Revista Web - Todo o território nacional. ISSN \_\_\_\_\_

# Xapuri 04

SOCIOAMBIENTAL

FEV 15

11

**CAPA**  
Programa Espacial Brasileiro

25

**ECOLOGIA**  
Promessas da grande transformação

16

**BIODIVERSIDADE**  
Algo de estranho acontece no mundo das abelhas

30

**ECOTURISMO**  
Parque Nacional do Grande Sertão Veredas

17

**BRASÍLIA**  
O carnaval dos outros e os outros carnavais

42

**MEMÓRIA**  
Clóvis Bueno Monteiro

22

**GASTRONOMIA**  
Requeijão Caseiro

50

**VOZES DA TERRA**  
A Guerra do Contestado

**02 CULTURA ECOLÓGICA**  
Iemanjá

**34 ENTREVISTA**  
Bia de Lima

**15 AGROECOLOGIA**  
O Calendário Agrícola dos Kaxinawá

**36 AMAZÔNIA**  
Kuarup - O Ritual de despedida dos mortos

**19 CERRADO**  
Um Bioma em Extinção

**38 LITERATURA**  
Xapuri do Amazonas

**28 ECONOMIA CRIATIVA**  
Movimento Food Truck

**40 MEIO AMBIENTE**  
Operação Cidade Limpa

**32 EDUCAÇÃO**  
Educação em Goiás

**46 URBANIDADE**  
O Difícil Transporte Público

**49 VIDA SAUDÁVEL**  
Macrofotografia

# ANÁPOLIS

Juntos construindo a cidade da gente.

A Prefeitura de Anápolis trabalha para fazer nossa cidade melhor. Com Gestão e Planejamento, investe em melhores oportunidades e mais qualidade de vida para todos.



## SAÚDE

A UPA, maior estrutura do Centro-Oeste, desafogou o Hospital Municipal e as demais unidades de saúde, com uma média de 14 mil atendimentos mensais.



## EDUCAÇÃO

A Prefeitura entregou 14 novas creches, a Escola Anapolino de Faria e o Centro de Educação Unificada (CEU). E mais 22 unidades de ensino foram reformadas.



## INFRAESTRUTURA

O viaduto da Av. Universitária e o viaduto Nelson Mandela melhoraram o trânsito. E mais dois viadutos serão entregues em breve, entre a Av. Goiás com a Av. Brasil, e outro entre a Av. Amâncio Lino e a Av. Brasil.



## CIÊNCIA E TECNOLOGIA

O Planetário Digital e Observatório Astronômico, o primeiro em versão digital do Estado de Goiás, tomaram-se um atrativo da cidade, com exposições e visitas.



## MEIO AMBIENTE

O Parque da Cidade é o maior em área urbana do Centro-Oeste com mais de 1 milhão de metros quadrados. E o Central Parque está sendo revitalizado e reformado.



## MOBILIDADE URBANA

R\$ 77 milhões serão investidos em parceria com o Governo Federal para construção de 6 corredores para o transporte coletivo.



Foto: INPE

# O CÉU COMO ESPELHO

## SATÉLITE BRASILEIRO REFORÇA MONITORAMENTO AMBIENTAL NO PAÍS

José Leonardo Ferreira

O Satélite Sino-Brasileiro de Recursos Terrestres (CBERS IV) foi finalmente lançado com sucesso no dia 7 de dezembro de 2014. Com ele, o Brasil volta a ter autonomia de monitoramento constante de suas florestas, cidades, plantações e demais alterações ambientais em todo seu território. São informações fundamentais para definição de políticas públicas, investimentos privados e mesmo fiscalização.

O fato foi divulgado e até comemorado diante de representantes de países das três Américas no 12º Encontro Regional de Monitoramento de Florestas, realizado de 19 a 23 de janeiro deste ano, em São José dos Campos (SP). O evento ocorreu na sede principal do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (INPE), naquela cidade, e reuniu delegados dos

oito países da Amazônia e das demais nações americanas.

O CBERS é um equipamento de alta precisão que, lá do espaço, permite acompanhar grandes e pequenas mudanças. Uma pista de pouso clandestina na Amazônia ou alguma fazenda do Cerrado que esteja alterando cursos d'água, por exemplo, são prontamente detectadas. Além, é claro, de fornecer dados gerais sobre crescimento de áreas urbanas ou desmatamento de florestas, em todo o território nacional.

O lançamento do satélite era uma questão de honra não só para os cientistas e técnicos do INPE, mas também para a Agência Espacial Brasileira (AEB), pois o cumprimento de metas e a continuidade de várias atividades do Programa Espacial Brasileiro (PEB) estavam em jogo.

Um ano antes, em 9 dezembro de 2013, os dirigentes e participantes do Programa acordaram com uma péssima notícia que comprometeu mais uma vez o bom andamento do projeto. O lançamento do CBERS III B, na ocasião, fracassou devido a falha no sistema de propulsão do foguete Longa-Marcha. Ele parou de funcionar antes de o veículo atingir a velocidade necessária para injetar o satélite em órbita.

Falhas em operações de lançamento de satélites fazem parte do risco das atividades espaciais. No entanto, neste caso, com um foguete chinês cuja confiabilidade já havia sido comprovada por lançamentos anteriores, uma falha segundos antes da inserção do satélite em órbita era muito pouco provável.

Na área espacial, a análise



**Aproveite suas férias.  
Deixe sua casa sob nossos cuidados.**

**TASS**

61 3033 3333

das falhas dos lançamentos orbitais sempre contribuiu para corrigir e melhorar a confiabilidade das próximas tentativas. No entanto, outra lição pode ser aprendida. A dependência tecnológica impede o país de planejar e melhorar a sua infraestrutura.

Mais uma vez, o Brasil precisou de veículos lançadores de outros países para lançar os seus satélites. Técnicos do INPE estavam preocupados com o bom funcionamento de alguns sistemas eletrônicos do CBERS. Mas o bloqueio contínuo à importação de alguns componentes dos EUA exigiu mudanças na fase de finalização do satélite, ocasionando atraso de mais de um ano no seu lançamento.

O bloqueio tecnológico dos EUA em projetos voltados para a área espacial não é novidade para técnicos e cientistas brasileiros. A história do PEB é permeada por problemas desse tipo, não seria diferente agora. Mas, para ter um programa espacial completo, o estado brasileiro terá que se empenhar e investir mais e melhor para obter acesso ao espaço de forma independente.

Nos últimos anos, sob a coordenação da Agência Espacial Brasileira (AEB), o PEB passou por várias revisões, e a participação de indústrias nacionais e internacionais está sendo fortemente incentivada.

O Brasil se prepara para desenvolver e construir o seu primeiro sistema de satélites geoestacionários (SGB) para telecomunicações e meteorologia. A participação das comunidades científica e acadêmica no PEB também está aumentando – já são mais de 30 universidades atuando no PEB através do programa Uniespaço, da AEB.

Mas há problemas que ainda precisam ser solucionados no



Foto: INPE



Foto: Blog Brasil Soberano e livre

PEB. Um dos mais relevantes é o seu alto grau de dependência, principalmente no que se refere a tecnologias para construção e desenvolvimento de veículos lançadores. E leve-se em conta que o PEB já tem 50 anos, tendo se iniciado praticamente ao mesmo tempo em que os programas espaciais de países como Índia, França e China. Além disso, outros países que entraram bem depois nessa seara já contam com veículos lançadores, como é o caso do Irã e da Coreia do Sul.

Neste sentido, os esforços para desenvolvimento e

construção do Centro de Lançamento de Alcântara (CLA), no Maranhão, são também de grande importância. A sua excelente localização pode sim transformar o local na mais importante base de lançamento do planeta. Precisamos, apenas, que o país invista mais no PEB e realize os acordos internacionais necessários para que Alcântara possa realizar, além da emissão de satélites nacionais, lançamentos comerciais para empresas e países.

Hoje, os países que possuem programas espaciais completos

sabem que a criação, desenvolvimento e manutenção de um programa espacial é uma atividade extremamente complexa e dispendiosa, pois requer investimento contínuo e crescente, e os projetos são em geral de lenta maturação. Por isso, têm suas agências espaciais muito bem estruturadas.

Essas agências devem ser capazes de orientar o esforço executado por diferentes instituições e empresas, além de mapear e prospectar continuamente os caminhos mais curtos e eficientes para obter e utilizar as sofisticadas tecnologias que possibilitam o acesso ao espaço. Importante observar que devido ao grande esforço necessário para adquirir essas tecnologias, ao obtê-las, os países as guardam e protegem em regime de sigilo absoluto.

Nações que hoje possuem acesso ao espaço e iniciaram seus programas na mesma época que o Brasil (como Japão, França e Índia) também sofreram cerceamento na obtenção dos conhecimentos necessários para a colocação de satélites artificiais em órbita da Terra. O sucesso do programa espacial da Índia, com o recente envio de missões espaciais à Lua e ao planeta Marte, é um bom exemplo de superação.

As principais características dos programas espaciais daquele país foram a continuidade e a coerência com os objetivos iniciais, que apontavam sempre nesta direção: Autonomia para construir e lançar seus satélites com seus próprios veículos lançadores e a partir de seus territórios.



**José Leonardo Ferreira**  
Doutor em Ciências Espaciais pelo INPE. Professor do Instituto de Física da UnB.



Fotos: INPE



## O CALENDÁRIO AGRÍCOLA DOS KAXINAWÁ

Sueiro Sales Banê

Não se deve plantar em qualquer tempo os legumes do bai kuin, porque eles morrem, acabam, e a gente perde as sementes antigas. É bom de plantar os legumes no tempo certo da floração do mato, pois cada legume tem seu tempo próprio. Atsá, como chamamos a macaxeira, é bom de plantar quando o nishu (pau d'arco) está florando; tamá, que os

cariús chamam de mudubim, é bom de plantar na floração do ashu (mulateiro); sheki kuin, como chamamos o milho massa, é bom de plantar quando shunu (samaúma) está florando; puá (inhame); cari (batata-doce); yubin (taioba); shapu (algodão) e nixi-barã (jerimum) quando seshun nimenarwá (cajazeira-braba) está florando na mata; yussu,

um legume parecido com o feijão dos cariús, é bom de plantar quando a árvore de kashu (mulungu) está florando.

**Fonte:** Texto extraído da Enciclopédia da Floresta - O Alto Juruá - Prática e Conhecimento das Populações, organizada por Manuela Carneiro da Cunha e Mauro Barbosa de Almeida. Companhia das Letras. 2002.



# O CARNAVAL DOS OUTROS E OS OUTROS CARNAVAIS

Guilherme Cobelo

## ALGO DE ESTRANHO ACONTECE NO MUNDO DAS ABELHAS

Janaína Faustino

Elas estão aqui, ali, entre as flores, pelas matas, na colmeia. As abelhas, milhares delas, cada uma com sua função, trabalhando e vivendo em perfeita harmonia. Até que algo estranho acontece. De repente, sem motivo aparente, as abelhas surtam: simplesmente abandonam a colmeia, deixando para trás seus depósitos de mel e suas larvas, para não mais voltar.

Em geral ninguém sabe para onde elas foram, nem se ainda estão vivas – pois não deixam rastros ou insetos mortos nos arredores da colmeia. Esse comportamento anormal está se espalhando pelo mundo: em 10 países, as abelhas já apresentaram essa síndrome, em Inglês batizada como Colony Collapse Disorder (desordem e colapso de colônia). Esse parece ser o caso entre os enxames que recentemente atacaram Brasília,

trazendo a óbito uma pessoa. Segundo o portal Planeta Sustentável, o caso é especialmente grave nos EUA, o país mais afetado pela doença, onde cerca de 50 bilhões de abelhas sumiram, esvaziando 40% das colmeias do país. Os primeiros casos da síndrome apareceram em 2006, mas só agora os cientistas descobriram o que está fazendo as abelhas fugirem. “É uma infecção por vírus, que danifica o código genético dos insetos”, afirma a entomóloga May Berenbaum, da Universidade de Illinois. No Brasil, ainda não há registro oficial da incidência do vírus. Mas há uma evidente queda na presença da abelha, o que é atribuído ao modelo agropecuário, que retira a vegetação nativa e usa agrotóxicos em larga escala. O apicultor Carlos Roberto Alves de Oliveira, dirigente da associação

dos produtores de Formosa (GO), afirma que “o uso indiscriminado de inseticidas proibidos por lei deixa resíduos que atingem os enxames e os eliminam”. Um desses venenos, muito usado em todo o país, é o Regente, disponível no mercado paralelo. Segundo Berenbaum, o vírus, que ainda não foi isolado, deve ser o causador das modificações genéticas que provocam o comportamento bizarro das abelhas, cujo desaparecimento pode ter consequências muito mais graves do que a falta de mel. As abelhas são responsáveis pela polinização de mais de metade das 240 mil espécies de plantas floríferas que existem no mundo. Sem as abelhas, essas plantas não teriam como se reproduzir e sobreviver. Se um mundo sem mel já seria ruim, um mundo sem flores não teria a menor graça.

Apesar de Brasília ainda ser uma cidade jovem, não há como negar que ela tem lá suas tradições. O Festival de Brasília do Cinema Brasileiro, por exemplo, acontecendo desde 1967, há anos vem movimentando culturalmente a cidade, sendo inclusive o mais antigo do gênero no país. A célebre Pizzaria Dom Bosco, que desde 1960 se estabeleceu no imaginário do brasiliense com suas fatias de mozzarella a preços módicos. E também o Pacotão, nome pelo qual se popularizou a Sociedade Armorial, Patafísica e Rusticana desde o carnaval de 1978, quando saiu pela primeira vez na contramão da avenida W3 com suas dezenas de “sujos”.

O bloco alternativo formado originalmente por jornalistas é um dos oito nomes constantes da Liga dos Blocos Tradicionais do Distrito Federal, ao lado de Asé Dudú, Baratinha, Baratona, Galinho de Brasília, Mamãe Taguá, Menino de Ceilândia e Raparigueiros. Deixando de lado a intriga intelectualoide pela qual a noção de tradição se esvai na curta duração, há 37 anos o Pacotão mobiliza os foliões ao som de suas marchinhas satíricas, sempre perfazendo os mesmos caminhos, desde a 302 norte até a 504 sul. A veia crítica e irônica da Sociedade Armorial, Patafísica e Rusticana remonta à sua



fundação. O codinome “Pacotão” era uma referência explícita ao “Pacote de Abril” de 1977, tendencioso conjunto de leis imposto pelo general-presidente Ernesto Geisel para alterar as regras eleitorais. Quando o bloco saiu pela primeira vez, em 1978, com mais ou menos 150 pessoas, jornalistas em sua maioria, o fez com a intenção de espezinhar o regime vigente. Ainda hoje a temática recorrente de seu repertório é a situação política do país e o deboche de personagens eminentes do

governo. Mas não fica por aí. Os tempos mudaram. Toda manifestação cultural que se preze tende a se diversificar, incorporar novos temas. A tradição se atualiza. E inspira. Além dos oito blocos tradicionais, o carnaval de Brasília conta com outros tantos independentes da Liga. Em 2015, desde o final de janeiro, a movimentação acontece com as Virgens da Asa Norte e o Suvaco da Asa. Em fevereiro, o roteiro é ainda mais longo, e o folião não fica parado com os blocos Cafuçu do Cerrado,



**Janaína Faustino**  
Gestora Ambiental



Babydoll de Nylon, Antibloco, Concentra mas não sai, Agoniza mas não morre, Confronto Sound System e Aparelhinho, espalhados nos Setores Bancário Norte, Bancário Sul e Comercial Sul, bem como no Cruzeiro e na 406/07 sul.

A experiência carnavalesca na capital federal é um reflexo de sua condição urbana. Enquanto síntese, a cidade representa o complexo cultural do nosso vasto país. Não poderia ser diferente com suas festas, portanto. Para os puristas que defendem a ideia de que uma tradição deve ter séculos nas costas para ser considerada como tal, Brasília responde com um calendário festivo que talvez não seja “tradicional” o bastante para atrair foliões de outros estados, como o carnaval de Olinda ou do Rio de Janeiro, porém é atrativo o suficiente para fazer com que milhares de brasilienses permaneçam na cidade durante o aval da carne.

A grande vantagem que a cultura de Brasília tem nesse contexto é o desprendimento em relação a profundas raízes ou origens remotas, diante das quais o povo se constrange para reverenciar antigas formas. Enquanto cidade jovem, é sempre possível reinventar, subverter, inovar, sem prejuízo da consciência. O desbunde pode ser total. Os risos e os guizos pedem isso. Que venham os microblocos, os blocos de uma pessoa só, os blocos espontâneos, os blocos rapidamente perecíveis, os grandes blocos caóticos! E que todos se juntem para pisotear a cidade que ninguém imaginou. Assim seja.



**Guilherme Cobelo**  
Historiador. Livreiro



Foto: Rui Faquini

# UM BIOMA EM EXTINÇÃO

— Altair Sales Barbosa

Dos ambientes recentes do planeta Terra, o Cerrado é o mais antigo. A história recente da Terra começou há 70 milhões de anos, quando a vida foi extinta em mais de 99%. A partir de então, o planeta começou a se refazer. Os primeiros sinais de vida, principalmente de vegetação, que ressurgem na Terra, se deram no que hoje constitui o Cerrado.

No mínimo, o Cerrado começou há 65 milhões de anos e se concretizou há 40 milhões de anos. O Cerrado é um tipo de ambiente em que vários elementos vivem intimamente interligados uns aos outros. A vegetação depende do solo,

que é oligotrófico (com nível muito baixo de nutrientes). O solo depende de um tipo de clima especial, que é o tropical subúmido com duas estações, uma seca e outra chuvosa.

Vários outros fatores, incluindo o fogo, influenciaram na formação do bioma – o fogo é um elemento extremamente importante porque é ele que quebra a dormência da maioria das plantas com sementes que existem no Cerrado.

Assim, é um ambiente que depende de vários elementos. Isso significa que já chegou em seu clímax evolutivo. Ou seja, uma vez degradado não vai mais se recuperar na plenitude

de sua biodiversidade. Por isso é que falamos que o Cerrado é uma matriz ambiental que já se encontra em vias de extinção.

Uma comunidade vegetal é medida não por um determinado tipo de planta ou outro, mas, sim, por comunidades e populações de plantas. E já não se encontram mais populações de plantas nativas do Cerrado. Podemos encontrar uma ou outra espécie isolada, mas rever todas essas populações é algo praticamente impossível.

Outra questão: o solo do Cerrado foi degradado por meio da ocupação intensiva. Retiraram a gramínea nativa



Fotos: Ruy Bozza - ITS



para a implantação de espécies exóticas, vindas da África e da Austrália. A introdução dessas gramíneas, para o pastoreio, modificou radicalmente a estrutura do solo. Isso significa que naquelas áreas, já modificadas, a maioria das plantas não conseguirá brotar mais.

Quando se retira a vegetação nativa dos chapadões, trocando-a por outro tipo, alterou-se o ambiente. Ocorre que essa vegetação introduzida – por exemplo, a soja, o algodão ou qualquer outro tipo de cultura para a produção de grãos – tem uma raiz extremamente superficial. Então, quando as chuvas caem, a água não infiltra como deveria. Com o passar dos tempos, o nível dos lençóis vai diminuindo, afetando os aquíferos, que ficam menores a cada ano.

Por isso, falamos que o Cerrado é um ambiente em extinção: não existem mais comunidades vegetais de formas intactas; não existem mais comunidades de animais

– grande parte da fauna já foi extinta ou está em processo de extinção; os insetos e animais polinizadores já foram, na maioria, extintos também; por consequência, as plantas não dão mais frutos por não serem polinizadas, o que as leva à extinção também. Por fim, a água, fator primordial para o equilíbrio de todo esse ecossistema, está em menor quantidade a cada ano.

Em média, dez pequenos rios do Cerrado desaparecem a cada ano. Hoje, usa-se ainda a agricultura irrigada porque há uma pequena reserva nos aquíferos. Mas, daqui a cinco anos, não haverá mais essa pequena reserva. Estamos colhendo os frutos da ocupação desenfreada que o agronegócio impôs ao Cerrado a partir dos anos 1970: entraram nas áreas de recarga dos aquíferos e, quando vêm as chuvas, as águas não conseguem infiltrar como antes e, como consequência, o nível desses aquíferos vai caindo a cada ano.

**Altair Sales Barbosa**  
Pesquisador. Doutor. Professor titular da  
Universidade Católica de Goiás



# REQUEIJÃO CASEIRO DELÍCIA DA ROÇA

Amanda Lima

Não tem quem não goste de um requeijão da roça, escorrendo da colher de pau, ou já frio, cortado em pedaços, com gosto de casa de fazenda. É uma iguaria difícil de preparar, mas o sabor vale a pena. Então, vamos lá, fazer o requeijão com base na receita da Miriane Pereira de Souza (com o nosso toque), de Goianésia (GO), publicada na Comunidade Sou Roceiro Caipira com Orgulho, no Facebook.

1. Coloque o leite cru em uma vasilha. Deixe em repouso até virar coalhada (em geral um ou dois dias, dependendo do clima).
2. Retire a camada de nata, ou seja, a gordura, e reserve para refogar a massa.
3. Escorra o soro, coloque a massa numa panela de fundo largo e leve ao fogo, com um pouco de leite, mexendo sempre, até esquentar bem.
4. Vá escorrendo o soro, adicionando mais leite fresco, cozinhando, escorrendo de novo e repetindo esse processo até a massa ficar bem "lavada", com uma consistência elástica e sem o sabor azedo.
5. Coloque para escorrer em uma peneira e reserve.
6. Em uma panela, coloque um pouco da manteiga, deixe fritar e acrescente a massa aos poucos, refogando e mexendo.

7. Se quiser uma textura mais macia, ou até cremosa, coloque leite aos poucos, mexendo sempre, com uma colher de pau, até que a mistura fique homogênea.

8. O ponto ideal é quando se levanta a colher cheia, e a massa escorre bem lisa. É a hora do delicioso beliscão! Hummm...

## Lembre-se:

1. Para cada 10 litros de coalhada você vai precisar de uns 5 litros de leite fresco, para o processo de lavagem da massa.

2. A cor e o sabor do requeijão vão depender da fritura da nata. Para um requeijão mais branco, só esquite a nata, até começar a fritar, e coloque a massa. Se você prefere aquele requeijão mais moreninho, com gostinho mais acentuado, é só fritar bem a nata, até a morenice aparecer, antes de acrescentar a massa escorrida.

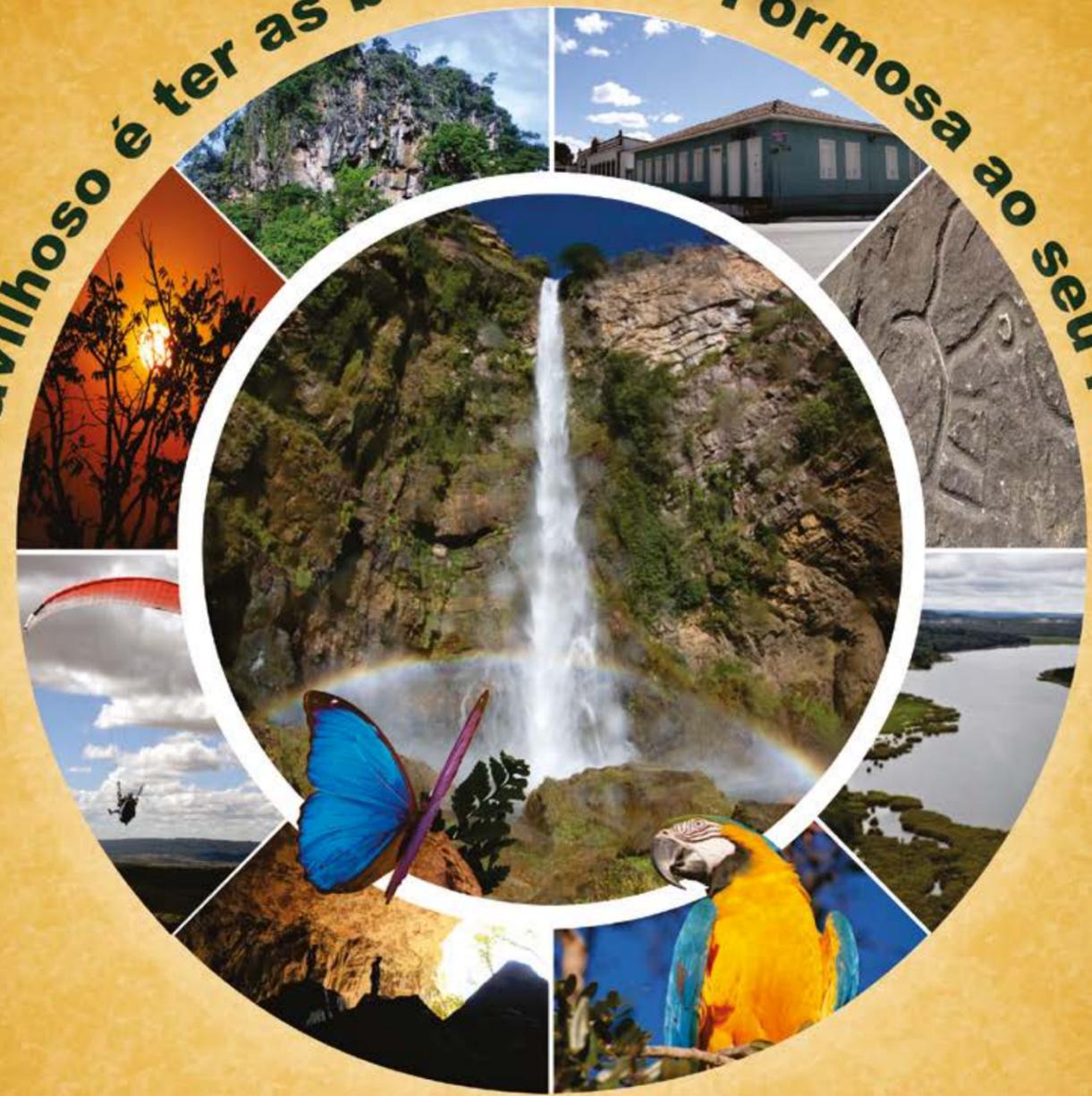
3. Se você quer um requeijão light, é só diminuir a manteiga e refogar com mais leite.

Amanda Lima  
Publicitária



Foto: facebook.com: Sou Roceiro Caipira com Orgulho

Maravilhoso é ter as belezas de Formosa ao seu redor



Secretaria Municipal de **Turismo**  **Formosa** Construindo uma vida melhor PREFEITURA DE



# PROMESSAS DA GRANDE TRANSFORMAÇÃO

Leonardo Boff

Para pormos em curso outro tipo de Grande Transformação que nos devolva a sociedade com mercado e elimine a deletéria sociedade unicamente de mercado, precisamos fazer algumas travessias impostergáveis. A maioria delas está em curso, mas elas precisam ser reforçadas. Importa passar:

- Do paradigma Império, vigente há séculos, para o paradigma Comunidade da Terra;
- De uma sociedade industrialista que depreda os bens naturais e tensiona as relações sociais para uma sociedade de sustentação de toda a vida;
- Da Terra tida como meio de produção e balcão de recursos sujeitos à venda e à exploração para a Terra como um Ente vivo, chamado Gaia, Pacha Mama ou Mãe Terra;

- Da era tecnozoica, que devastou grande parte da biosfera, para a era ecozoica, pela qual todos os saberes e atividades se ecologizam e juntas cooperam na salvaguarda da vida;
- Da lógica da competição, que se rege pelo ganha-perde e em que se opõem as pessoas, para a lógica da cooperação, do ganha-ganha que congrega e fortalece a solidariedade entre todos;
- Do capital material sempre limitado e exaurível, para o capital humano e espiritual ilimitado feito de amor, solidariedade, respeito, compaixão e de uma confraternização com todos os seres da comunidade de vida;
- De uma sociedade antropocêntrica, separada da natureza, para uma sociedade biocêntrica, que se sente parte

da natureza e busca ajustar seu comportamento à lógica do processo cosmogênico que se caracteriza pela sinergia, pela interdependência de todos com todos e pela cooperação.

Se é perigosa a Grande Transformação da sociedade de mercado, mais promissora ainda é a Grande Transformação da consciência. Triunfa aquele conjunto de visões, valores e princípios que mais congregam pessoas e melhor projetam um horizonte de esperança para todos. Essa seguramente é a Grande Transformação das mentes e dos corações a que se refere a Carta da Terra. Esperamos que se consolide, ganhe mais e mais espaços de consciência com práticas alternativas, até assumir a hegemonia da nossa história.



Há um documento já citado, a Carta da Terra, por seu alto valor de inspiração, é gerador de esperança. Ela é fruto de uma vasta consulta dos mais distintos setores das sociedades mundiais, desde os povos originários, das tradições religiosas e espirituais, até de notáveis centros de pesquisa. Foi animada especialmente por Michail Gorbachev, Steven Rockefeller, o ex-primeiro ministro da Holanda, Lubbers, Maurice Strong, subsecretário

da ONU, e Mirian Vilela, brasileira que, desde o início, coordena os trabalhos e dirige o Centro, na Costa Rica. Eu mesmo faço parte do grupo e tenho colaborado na redação do documento final e de sua difusão por onde posso.

Depois de oito anos de intensos trabalhos e de encontros frequentes nos vários continentes, surgiu um documento pequeno, mas denso, que incorpora o melhor da nova visão nascida das ciências da Terra

e da vida, especialmente da cosmologia contemporânea. Ai se traçam princípios e se elaboram valores no arco de uma visão holística da ecologia, valores que podem efetivamente apontar um caminho promissor para a humanidade presente e futura. Aprovado em 2001, foi assumido oficialmente em 2003 pela UNESCO como um dos materiais educativos mais inspiradores do novo milênio.

A Hidrelétrica Itaipu-Binacional, a maior do gênero no mundo, tomou a sério as propostas da Carta da Terra e seus dois diretores, Jorge Samek e Nelton Friedrich, conseguiram envolver 29 municípios que bordeiam o grande lago onde vive cerca de um milhão de pessoas. Deram início de fato a uma Grande Transformação. Lá se realiza efetivamente a sustentabilidade e se aplicam o cuidado e a responsabilidade coletiva em todos os municípios e em todos os âmbitos, mostrando que, mesmo dentro da velha ordem, se pode gestar o novo, porque as pessoas mesmas vivem já agora o que querem para os outros.

Se concretizarmos o sonho da Terra, esta não será mais condenada a ser para a maioria da humanidade um vale de lágrimas e uma via-sacra de padecimentos. Ela pode ser transformada numa montanha de bem-aventuranças, possíveis à nossa sofrida existência e uma pequena antecipação da transfiguração do Tabor.

Para que isso ocorra, não basta sonhar, mas importa praticar.



**Leonardo Boff**  
Teólogo. Filósofo. Escritor



# A PREFEITURA FAZ O MELHOR PRA GENTE!

A prefeitura municipal de Águas Lindas de Goiás está realizando uma das mais ousadas frentes de obras urbanas em um município goiano de uma só vez. O que corresponde a quase metade da cidade envolvida em uma frente de trabalho que vai mudar para sempre e para melhor a vida das pessoas, trazendo mais qualidade de vida para a sexta maior população do Estado.

Águas Lindas de Goiás vive uma grande transformação, um momento histórico ao completar apenas 19 anos.

**São obras completas de asfalto e saneamento básico em vários setores da cidade.**

Galerias de águas pluviais, interceptadores de esgoto, redes de esgoto, unidades de estação elevatória de esgoto, terraplanagem, mais de um milhão de metros quadrados de asfalto, meios-fios e calçadas.

Mais obras, mais qualidade de vida



**PREFEITURA DE ÁGUAS LINDAS DE GOIÁS**

ÉTICA E RESPONSABILIDADE SOCIAL

[www.aguaslindasdegoias.go.gov.br](http://www.aguaslindasdegoias.go.gov.br)



Fotos: Acervo Daniel Gurgel

# MOVIMENTO FOOD TRUCK GASTRONOMIA SOBRE RODAS

Eduardo Weiss

Prática milenar (isso mesmo, milenar), a comida de rua sempre foi considerada como uma culinária deliciosa, porém pouco nutritiva e de qualidade inferior às opções servidas nos restaurantes. Churro, churrasquinho e cachorro-quente são algumas das opções típicas que estão no imaginário das pessoas quando se pensa em comida de rua. Essa tradição está prestes a mudar: A febre de food trucks que tomou conta dos Estados Unidos nos últimos anos chega com força e começa a deixar sua marca também aqui no Brasil.

Conhecidos como pequenos restaurantes móveis, os trailers se movimentam pela cidade sem local fixo, oferecendo lanches deliciosos e fáceis de comer

(regra de ouro da comida de rua: se precisar de um lugar pra se apoiar, não é comida de rua) com uma cara mais gourmet. O espaço limitado exige cardápios que costumam ser reduzidos e mais criativos, em geral com três pratos principais, porém com ingredientes de melhor qualidade, normalmente só encontrados nos locais que podem pagar um chef.

Os food trucks começaram em Los Angeles, nos EUA, com o surgimento de trailers de comida comandados por chefs de cozinha vindos da alta gastronomia. Dos primeiros, talvez o mais conhecido seja o de Roy Choi, que montou um trailer e percorria a cidade servindo pratos atípicos, que misturavam elementos da

culinária coreana e mexicana.

O sucesso inesperado do chef Roy Choi inspirou uma legião de pessoas que se tornaram adeptas do movimento.

Brasília recebeu seu primeiro food truck em 19 de outubro de 2013, quando Daniel Gurgel, chef executivo do bistrô 4doze e responsável pelo evento culinário ao ar livre "D'gust", decidiu motorizar seu projeto de comida de rua. Desde então, algumas noites por semana, seu trailer "Chili na Rua - Latin Food" pode ser encontrado em festas, eventos e em endereços da cidade. O "Chili na Rua" oferece pratos típicos latinos, como o guacamole mexicano, o ceviche peruano, as arepas colombianas e os brasileiríssimos chips de

mandioca, uma adaptação dos nachos latinos.

Para Gurgel que, após conceder entrevista à Xapuri em Brasília, seguiu direto para o 1º Encontro Nacional de Food Trucks no Brasil (31/01 e 01/02 - Parque Lage - Rio de Janeiro), há diversos atrativos para um chef de cozinha montar um truck: "Com o truck você tem o contato direto com o público, você tá na rua, você tá sempre em um lugar diferente. Isso proporciona um retorno muito maior no sentido emocional, pois o prato é parte da alma. É uma sensação muito legal. E há atrativos econômicos. Você trabalha com um volume maior, você vende mais e tem um retorno muito mais alto".

Daniel explica que, "com os trailers, há mais facilidade do chef se expressar criativamente, há um cardápio que costuma ser de três pratos, que é um quadro negro, e ele pode ser alterado todo dia. Com a proximidade do cliente, fica mais fácil ver o que está fazendo sucesso ou não.

Se não estiver legal, a gente troca. No food truck você não vai vender cachorro-quente, espetinho você vai fazer algo diferente... e, para as pessoas que costumam esperar não mais do que 15 a 20 minutos por seus produtos, o food truck torna-se um evento social".

Com base nos negócios dessa nova forma de economia criativa, recém-organizados em uma associação que começa 2015 com 12 membros no DF, observa-se que há a necessidade do estabelecimento de critérios para trabalhar com um food truck: "Em primeiro lugar, a originalidade. Não pode ser clichê, tem que ser algo diferente.

Também requer uma identidade visual, uma marca bem estabelecida, estar dentro das normas da vigilância sanitária, com pessoal capacitado e uniformizado, e ter um trailer ou caminhão," completa Daniel Gurgel.

Foto: Fernanda Ferreira



Fotos: Acervo Daniel Gurgel



# NOTÍCIAS DO SERTÃO SEM FIM

## PARQUE NACIONAL DO GRANDE SERTÃO VEREDAS

Priscila Silva

“ Sertão, – se diz –, o senhor querendo procurar, nunca não encontra. De repente, por si, quando a gente não espera, o sertão vem. ”

João Guimarães Rosa

O Parque Nacional do Grande Sertão Veredas é o maior do país com predominância do bioma Cerrado. Criado em 12 de abril de 1989, pelo Decreto nº 97.658, e regulamentado pelo Decreto nº 21/2004, preserva uma área de 230.853,4200 hectares, onde vive uma exuberante fauna de tamanduás-bandeira, veados-campeiros, lobos-guará e toda a diversidade de bichos do Cerrado.

Localizado entre os estados da Bahia e de Minas Gerais, com sede no município mineiro de Chapada Gaúcha, o Parque conserva parte do chamado Chapadão Central, que divide as bacias dos rios São Francisco e Tocantins, local de belas veredas, com matas de galeria

margeando os rios e a presença marcante do ipê-amarelo e de muitas, muitas palmeiras de buriti.

Administrado pelo Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBio), o Parque tem seu nome em homenagem ao escritor João Guimarães Rosa (1908 – 1967), que imortalizou o pensar e a vida do sertão e do sertanejo na obra-prima Grande Sertão – Veredas (Lançado pela Livraria José Olympio Editora em 1956), resultado de seus 45 dias de andanças pela região, no ano de 1951.

Esta Unidade de Conservação (UC) é de fundamental importância para o Meio Ambiente brasileiro porque preserva um dos principais

ecossistemas das regiões secas do País. Nele, além das paisagens belíssimas, são encontradas uma rica diversidade de fauna e de flora. São muitas as plantas medicinais e muitos os animais de Cerrado, como o lobo-guará, o tatu-canastra e o tamanduá-bandeira.

Por essa razão, viagens turísticas devem ser previamente agendadas com a direção do Parque na Chapada Gaúcha. O Parque serve, principalmente, como espaço de pesquisa e ambiental. Mas, para quem gosta de Cerrado, de Sertão e de aventura, vale a pena insistir. O passeio pelo Grande Sertão: Veredas é umas dessas aventuras inesquecíveis na vida de qualquer pessoa.



### COMO CHEGAR AO GRANDE SERTÃO

De Brasília, pode-se acessar o Parque Nacional via Unai (MG), Arinos (MG), até a Chapada Gaúcha (MG). Até a Chapada Gaúcha são 330 km.

Da Chapada até a entrada do Parque são mais 90 km de estrada de terra.

Outro caminho, saindo de Brasília, é via BR-020, passando por Formosa (GO), dobrando para Cabeceiras (GO) e seguindo para Arinos (MG), com 42 km de terra, e daí para a Chapada Gaúcha, em uma viagem de 370 km.

Saindo de Minas Gerais, o acesso é feito por Montes Claros – São Francisco – Serra das Araras – Chapada Gaúcha, com 130 km de terra, de um total de 286 km, e uso de balsa. Outro caminho mineiro é via Montes Claros – Januária – Serra das Araras – Chapada Gaúcha, com 155 km de terra, de um total de 315 km.

Pelo Nordeste, pode-se chegar ao Grande Sertão por Vitória da Conquista (BA), Montes Claros ou Bom Jesus da Lapa (BA) – Manga (MG) – Januária (MG).



#### ANOTE AÍ:

Para a visita ao Parque, é necessário agendamento e é requerida a presença de um guia. Antes de pegar a estrada para sua mágica viagem ao Sertão sem Fim, consulte a direção do Parque ou o ICMBio: Rua Guimarães Rosa, 149 – Chapada Gaúcha | CEP: 39314-000  
38 3634 1465 | 61 3103 9977

As distâncias dentro do Parque são grandes e os bancos de areia não permitem a passagem de carros pequenos. É importante providenciar um carro grande, com tração. Não existe hospedagem no Parque. É possível hospedar-se nas cidades de Arinos (95 km) ou São Francisco (130 km).

Fonte: [www.wikiparques.com](http://www.wikiparques.com)

Priscila Silva  
Psicopedagoga



# EDUCAÇÃO EM GOIÁS

## OS DESAFIOS DA VALORIZAÇÃO DO MAGISTÉRIO

Lúcia Resende

Não se pode falar em educação de qualidade sem se promover a valorização do sujeito imprescindível nesse processo: o/a professor/a. É consenso que essa valorização está condicionada à profissionalização da categoria, historicamente colocada em posição quase de sacerdócio, e que precisa ancorar-se em pelo menos quatro pilares: formação continuada; remuneração justa; melhoria das condições de trabalho; e plano de carreira capaz de atrair pessoas para o exercício da profissão.

Atento a isso, dentre outras ações, o Estado brasileiro, com a Lei nº 11.738, de 2008,

instituiu o piso salarial nacional para os profissionais do magistério público da educação básica, como forma de corrigir distorções e melhorar a remuneração dos professores e professoras. A chamada Lei do Piso vale para todo o território nacional, com reajustes anuais superiores à inflação. Acaba de ser anunciado o novo percentual, de 13,01%, o que eleva o salário da categoria para R\$ 1.917,78.

Entretanto, longe está de isso significar uma remuneração justa. Segundo a Pnad/2013, um/a professor/a ainda ganha pouco mais da metade (57,3%) que profissionais com

graduação em outras áreas. O Plano Nacional de Educação (2014-2024) estabelece como uma das metas “valorizar os/as profissionais do magistério das redes públicas da Educação Básica, a fim de equiparar o rendimento médio dos/as demais profissionais com escolaridade equivalente, até o final do 6º ano da vigência do Plano”. Essa é uma determinação importante, porque vai acarretar, em médio prazo, uma remuneração mais digna.

Ocorre, porém, que alguns estados e muitos municípios ainda não pagam o valor estabelecido. Além disso,

existe outra determinação, a de que um terço da jornada seja destinado a atividades extraclasse, e isso também vem sendo sistematicamente desrespeitado. Outros há que, para pagarem o piso, se valerem de mecanismos danosos à carreira.

Segundo o Sindicato dos Trabalhadores em Educação de Goiás (Sintego), é o que acontece em Goiás, por exemplo, com a incorporação da titularidade ao salário-base. Antes, a participação em cursos de formação continuada se traduzia em aumento de salário. Isso servia como motivação para o/a professor/a estudar e se qualificar.

A isso se soma o ainda baixo salário, que provoca a demanda por trabalho extra, com sérios prejuízos à saúde do/a professor/a e à qualidade da educação. Sem estímulo e sem tempo, não há estudo, não há formação continuada.

Dessa forma, os já frágeis pilares da valorização do magistério vão sendo minados.

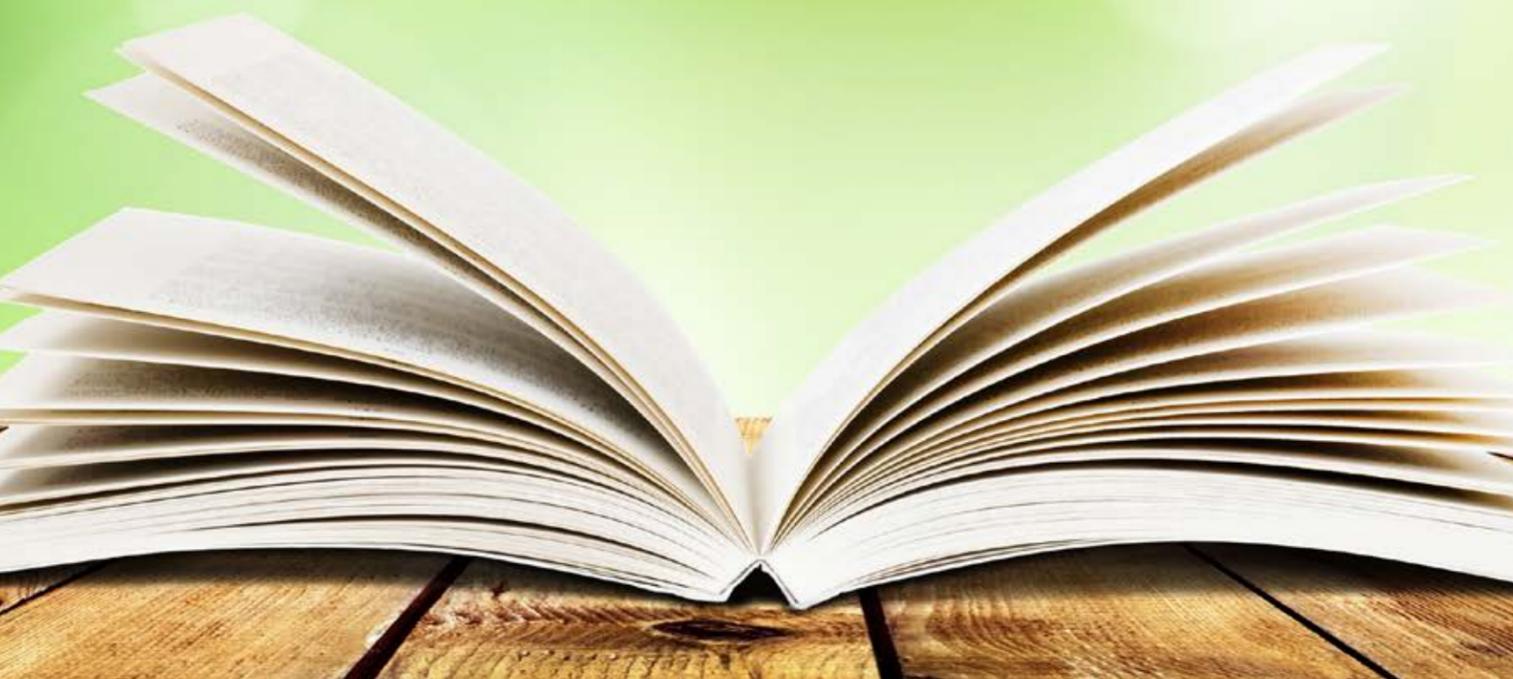
Fotos: Sintego



Liderados pelo Sintego, professores da rede estadual de ensino de Goiás acampam nos jardins da Assembleia Legislativa em defesa do Piso salarial.



Lúcia Resende  
Mestra em Educação  
pela UnB





Fotos: Sintego

Bia de Lima, presidenta do Sintego: batalhas imensas em Goiás para fazer valer a Lei do Piso

# BIA DE LIMA

## PRESIDENTA DO SINTEGO

Lúcia Resende

Bia de Lima, goiana de Jataí, pedagoga, especialista em educação brasileira pela Universidade Federal de Goiás (UFG), é, antes de tudo, uma militante dos movimentos sociais. Na década de 1980, militou no Movimento Reviravolta e presidiu o Centro Acadêmico Paulo Freire, da UFG. Na vida adulta, foi duas vezes vereadora em Jataí (1997-2001 e 2001-2004).

Presidenta da CUT-Goiás e presidenta do Sintego, Bia gentilmente recebeu a Xapuri em Goiânia:

### Xapuri – Qual sua avaliação da Educação nesse momento?

**Bia** – Nós estamos em um momento muito importante da Educação, porque conquistamos a Lei do Piso. Nossa categoria lutou 200 anos para ter um piso

salarial e, no seu governo, o presidente Lula sancionou a Lei. Mas é preciso muito mais. O Plano Nacional de Educação (2014-2024) possui metas ambiciosas no sentido de valorizar o magistério, foi aprovada a lei dos royalties do petróleo, que destina mais recursos para a Educação, e isso nos faz crer que caminhamos para tempos muito melhores.

### Xapuri – Como está sendo o processo de implantação da Lei?

**Bia** – Em Goiás, temos travado batalhas imensas junto ao governo do estado e às prefeituras, para garantir a aplicabilidade da Lei, para que os professores e os demais profissionais da Educação possam ter o piso implementado. Nós estamos tendo muita dificuldade, porque na hora de implantar a Lei, os prefeitos fizeram o achatamento das carreiras. Então, nós tivemos que segurar a carreira para que não fosse destruída e, ao mesmo tempo, tentamos garantir o piso. E mesmo agora, as prefeituras ainda estão tentando tirar, diminuir o percentual de formação, o que é péssimo, porque é isso que garante a progressão e a valorização da carreira. No estado, o governo achatou nossa carreira, destruiu a titularidade, tem sido um grande prejuízo desde 2012.

### Xapuri – Como assim?

**Bia** – Primeiro, o governo acabou com as gratificações por titularidade e, com isso, achatou a carreira e prejudicou a formação. Os 30% da titularidade foram incorporados ao salário-base. Na prática, foram os próprios professores que pagaram o piso. E, depois, tivemos outro problema: o estado começou a pagar o

piso para Professor Nível I e Nível II a partir de janeiro, como estabelece a Lei, mas para os professores que têm graduação e pós-graduação, que são os professores PIII e PIV, o pagamento passou a ser feito somente a partir de maio, o que é punição para quem estuda. O correto seria pagar o reajuste a cada janeiro para a carreira como um todo. A atitude do Executivo destruiu nossa carreira, passou por cima de uma questão que para nós é essencial, que é a isonomia, princípio constitucional.

### Xapuri – Como se contrapor a isso?

**Bia** – Com o piso, houve aumento real de salário, e a grande maioria dos professores acaba vendo só esse aspecto, ou seja, essa aparente valorização. Há uma espécie de apatia, mas o maior empenho do Sintego hoje é promover essa conscientização, é mostrar os prejuízos, é apontar as diretrizes para que os professores e professoras continuem lutando pela valorização do magistério. Lutando principalmente contra esse achatamento da carreira, buscando, com urgência, garantir o

retorno das gratificações por titularidade. Só assim poderemos fortalecer a remuneração, a formação e a carreira.

### Xapuri – E o governo federal?

**Bia** – Estamos tentando convencer o TCM e o MEC a serem mais exigentes. Por exemplo, é preciso que sejam criados mecanismos de verificação para que, na hora do envio de recursos para os municípios, seja verificado se a administração municipal cumpre com a Lei do Piso. Nós queremos muito que o MEC crie alguma forma de condicionalidade, porque, se o prefeito souber que ficará sem outros recursos, ele vai encontrar um jeito de pagar o piso da Educação. Quanto ao estado de Goiás, estamos esperançosos e confiantes na capacidade de diálogo. Mas, também, estamos prontos para lutar caso as propostas que venham não correspondam às nossas expectativas.





Foto: Blog do-Cortel

# KUARUP

## O RITUAL DE DESPEDIDA DOS MORTOS

Zezé Weiss



Fotos: Brazilianhotpaints

Os povos indígenas do Xingu se despedem de seus mortos celebrando o Kuarup, um alegre ritual de encerramento do luto. “Os mortos não gostam de ver os vivos tristes”, acreditam. Por essa razão, fazem uma festa exuberante, onde os “kuarup”, que são troncos de madeira decorados, representam o espírito dos mortos.

Diz a lenda que o Kuarup começou quando o Pajé Mavutsinim preparou seis troncos para trazer de volta à vida seis pessoas que tinham morrido em sua aldeia. Depois

de avisar que quem tivesse relações sexuais não deveria sair de suas malocas, o pajé começou, com sucesso, o ritual da ressurreição.

Tudo ia bem até que um índio que estava namorando desobedeceu ao aviso e se aproximou do pajé. Naquele momento, os troncos pararam de se mexer. Muito triste, o pajé disse que dali por diante os Kuarup serviriam apenas para reverenciar os espíritos dos mortos. Desde então, por tempos imemoriais, o ritual é celebrado para agradecer pela convivência nesta vida

e liberar os mortos para viverem em outro mundo.

Entre os Kuikuro, povo indígena que vive na região do Rio Kuluene, no Parque Nacional do Xingu, a cerimônia de dois dias é realizada sempre em noites de lua cheia, no mês de maio de cada ano, com a evocação dos espíritos por seus parentes e pelos povos amigos, por meio de danças, cânticos, rezas e momentos de lamentações, quando os índios choram pela última vez a partida de seus entes queridos.

A cerimônia começa na noite anterior, quando os troncos de madeira – um para cada pessoa encantada – são trazidos da floresta e colocados em linha reta no centro da aldeia pelos homens. Começam, então, a serem recortados em forma humana, pintados com faixas amarelas e vermelhas, e ornamentados com os principais objetos do morto.

Depois de preparar os Kuarup, os homens vão até as malocas e buscam as mulheres e as crianças. Em silêncio, as mulheres se aproximam dos “Kuarup” e, em voz baixa, quase sussurrando, expressam gratidão a seus mortos presenteando-os com braceletes, cocares e belas peças de plumagem.

Chegada a noite, os homens, com seus corpos pintados e ornamentados, fazem a belíssima dança do fogo. Carregando archotes de palha em fogo, os homens cantam

canções míticas e dançam a passos cadenciados ao som dos maracás, até a chamada do pajé, que evoca Tupã, implorando pela ressurreição dos mortos.

A dança dos homens termina no momento em que a lua cheia alcança seu máximo esplendor. Os homens então se dispersam em pequenos grupos e só o pajé, acompanhado pelas mulheres, continua entoando cânticos até o dia amanhecer. O nascer do sol traz, nos cânticos do pajé, de volta à vida os encantados.

Começa, então, a dança da vida. Cada “atleta” da aldeia traz no ombro uma longa vara verdejante, significando a vida das últimas crianças que nasceram na comunidade. Em um grande círculo, formado ao redor dos “Kuarup”, os “atletas” reverenciam os espíritos, agradecem pelos nascimentos, e em seguida se dispersam e se juntam às suas famílias, ou clãs.

Terminada a homenagem às novas vidas, os clãs da aldeia e os grupos convidados começam uma luta parecida com uma luta romana a que chamam “Uka-Uka”. Depois, em procissão e em festa, levam os “Kuarup” até o rio e encerram a cerimônia entregando-os às águas, para que possam ser levados para a vida em outro mundo.

Assim se resumem os vários relatos do Kuarup, contados por indígenas e não indígenas.



Foto: Renato Soares



Foto: Renato Soares



Foto: Aisanain Paltu Kamaiura



# Xapuri do Amazonas

Dona Maria minha mãe morena,  
cabocla linda lá do rio Jari  
Fosse descendo pelo Amazonas,  
o sol brilhou pra mim no Xapuri

Lá no Xapuri, lá no Xapuri, lá no Xapuri, lá no Xapuri  
Dona Maria, mãezinha morena  
ainda sou tão pequena e sinto saudades.

Do balançar de rede, dos igarapés,  
destas coisas lindas que não tem idade.  
Dona Maria, mãezinha morena  
ainda sou tão pequena e sinto saudades.

De me banhar nos rios, tomar tacacá,  
beber acaí lá em Icoaracy.  
Lá em Icoaracy, lá em Icoaracy,  
lá em Icoaracy, lá em Icoaracy.

Terra cabocla, terra pequena, cheirando a flor,  
cheirando açucena.  
Igual teu cabelo, dona Maria,  
minha mãe morena, ooi.

Lá do rio Jari, lá do Xapuri,  
lá de Icoaracy, lá do Xapuri.  
Lá do rio Jari, lá do Xapuri,  
lá de Icoaracy, lá do Xapuri.

Gratidão  
Paulo Celso Villas-Bôas

**Nazaré Pereira**  
Cantora. Compositora Acreana  
Nascida em Xapuri





# VALPARAÍSO DE GOIÁS NA MOBILIZAÇÃO CONTRA A DENGUE

## O P E R A Ç Ã O CIDADE LIMPA

A Prefeitura realiza grande operação de limpeza na cidade para acabar com o mosquito da dengue.

Coloque na frente de casa pneus, latas, garrafas e tudo que possa acumular água, pois é ai que o mosquito se reproduz.



Realização:

Secretaria Municipal de Infraestrutura e Desenvolvimento Urbano

Secretaria Municipal de Saúde



Para mais informações, ligue 3627-9595



Fotos: Fernanda Queiroz



## OPERAÇÃO CIDADE LIMPA

VALPARAÍSO MOBILIZA POPULAÇÃO PARA O COMBATE À DENGUE

Danilo Silva Pinto

Um dos grandes desafios do meio ambiente e da saúde nas cidades brasileiras é o combate à dengue, febre viral transmitida pelo mosquito *Aedes aegypti*, cuja forma mais grave, a dengue hemorrágica, pode ser mortal.

Segundo o Ministério da Saúde, o Brasil registrou mais de 500 mil casos da doença em 2014, estando Goiás entre os estados brasileiros com índices alarmantes. E, em Goiás, mesmo não tendo registrado mortes no ano de 2014, Valparaíso continua na lista dos municípios vulneráveis.

Como não há vacina nem tratamento preventivo para a dengue, o município optou por mobilizar a comunidade para combater o *Aedes aegypti*, o único vetor da enfermidade, por meio da campanha Operação Cidade Limpa, lançada pela

prefeita Lucimar Nascimento em 2 de fevereiro de 2015.

A Operação Cidade Limpa consiste em mobilizar a comunidade para acabar com os locais onde o mosquito da dengue se reproduz, em especial com a eliminação de vasos e vasilhas com água parada nas residências e com o recolhimento de lixo e entulho das vias públicas, "para manter a cidade limpa e sem dengue", diz a prefeita.

Sobre o recolhimento do entulho das casas, a Secretária de Obras do Município, Cynthia Borges, informa: "No dia certo, todas as famílias deverão colocar na frente de suas casas tudo que não lhes sirva mais e que possa acumular água. Os caminhões passarão recolhendo e dando uma destinação adequada".

Planejada para chegar a

todos os bairros da cidade, a Operação Cidade Limpa será realizada em duas etapas, por quatro equipes aparelhadas com tratores, caçambas e roçadeiras. No apoio, Agentes de Endemias e Agentes de Saúde visitarão as casas, informando e orientando os moradores sobre as formas mais eficientes de combate ao *Aedes aegypti*.

A prefeita Lucimar Nascimento reforça a importância da parceria com a comunidade: "Precisamos trabalhar juntos para que nossa cidade tenha uma qualidade de vida cada vez melhor. Sei que posso contar com cada pessoa da nossa comunidade para não deixar água parada em casa, nem jogar lixo no lugar errado, porque todos queremos viver sem dengue, em uma cidade limpa, bonita e saudável".

Danilo Silva Pinto  
Jornalista





# CLÓVIS BUENO MONTEIRO

Zezé Weiss

Abissínia Monteiro casou-se com o agrimensor Clóvis Bueno no ano da graça de 1943 sem saber que Clóvis era codinome. Abissínia tampouco soube, por muitos e muitos anos, que o rapaz bonito com quem constituiu família era viúvo, suboficial expulso do Exército Brasileiro, e que Clóvis parou na cidadezinha goiana de Corumbáiba, onde se encontraram, não em busca de trabalho, mas fugido da repressão. Sem saber, Abissínia casou-se com um comunista.

Dali pra frente dona Abissínia, 93 janeiros, passou a viver a aventura de uma convivência de mais de 70 anos com o camarada Clóvis, que na verdade era César Carlos de Almeida, nascido em 1907, em Maranguape, no Ceará. “Foi uma vida de muito

mistério. Os segredos dele eu fui descobrindo aos poucos, mexendo nos papéis que ele guardava. O nome Carlos foram os meninos que descobriram, pouco tempo antes dele morrer, nos escritos dele,” conta dona Abissínia.

Clóvis nunca contou, nem para Abissínia, que entrou para o Exército Brasileiro ainda César Carlos, nos anos 20, onde alcançou a patente de sargento. Nem que fez parte do grupo de jovens militares socialistas que se juntaram a Luís Carlos Prestes, a quem foi fiel a vida inteira. “Meu pai foi militante do Partidão, foi fundador do PT, mas no fundo era um prestista. Acima de tudo, um prestista”, diz a filha Leni Bueno, formada engenheira civil com especialização em hidráulica na Rússia comunista.

Também nunca disse nada sobre sua participação na Intentona Comunista de 1935, que pretendia derrubar Getúlio Vargas do Poder, nem sobre os duros tempos de prisão no quartel do Realengo por conta disso, de onde saiu ex-sargento liberto no ano de 1937. Nem que do Rio mudou-se para São Paulo, aonde já chegou Clóvis, militou com Carlos Marighela, e casou-se com a espanhola Marlene, com quem teve duas filhas. Das filhas, guardou uma foto antiga, entre papéis esparsos, sem mais ter notícias.

As perseguições do Estado Novo (1937-1945) moveram Clóvis para o Triângulo Mineiro, e daí para Corumbáiba, onde se casou com Abissínia, mãe de seus três filhos goianos: Lenine,

Leni e Belloyanes. A profissão de agrimensor, adquirida no Rio de Janeiro, facilitava as constantes mudanças de Clóvis que, depois do casamento, passou a assinar Clóvis Bueno Monteiro. “O costume era o contrário, da mulher pegar o nome do marido, mas ele ficou com o meu e assim foi, sem nada de conversa”, conta Abissínia.

Em 1945, a família muda-se para Pires do Rio, onde Clóvis funda o PCB. Em 1948, eles chegam a Anápolis, “uma cidade de progresso” onde, enquanto Clóvis fundava o Partido, Abissínia “dava uma mão” no sustento da casa trabalhando como costureira e, no tempo que lhe restava, organizava as mulheres do Partidão. “A gente fazia reuniões nos bairros, e eu produzia o jornal *O Movimento Feminino*, para distribuir nas reuniões de mobilização e de conscientização para a defesa de direitos”.

Dona Abissínia conta que zanzaram muito por Anápolis até se mudarem, no ano de 1954, para a casa simples com jardim na frente e horta no quintal do Conjunto Residencial IAPC “que o Clóvis amava porque o bairro era calmo e ele podia receber os amigos”, gente nada menos do que o dirigente comunista Gregório Bezerra, ou Zé Porfírio, o líder de Trombas, e um montão de “tios”

que chegavam e saíam do nada, de repente.

Foi ali que muitos “tios” se juntaram nas madrugadas para organizar a participação nas lutas históricas do Partidão como a Campanha “O Petróleo é Nosso” em 1953, a resistência ao regime militar de 1964, o Movimento pela Anistia nos anos 70, a fundação do Movimento Democrático Brasileiro (MDB). E foi ali que aconteceram as várias prisões e os maiores sustos. “Em 1964 foi terrível, queimei muitos livros”, disse Clóvis certa vez.

Em 1973, mais uma prisão. Foi torturado e condenado a três anos de cadeia, mas teve a pena reduzida, por causa da idade. Ficou preso um ano, entre Brasília e Goiás. Ao sair, intensificou sua participação no Comitê Goiano pela Anistia. Trabalhou muito para trazer de volta os exilados brasileiros, dentre eles seu filho Lenine, exilado na Bélgica por sete anos e meio. “O Clóvis sempre ia e vinha. E quando voltava de lá [dona Abissínia nunca fala a palavra cadeia], parece que voltava mais forte, com mais vontade de lutar”.

Conquistada a Anistia, em 1979, o militante Clóvis, já em seus 70 anos, resolveu que era hora de entrar na luta pela fundação do PT. Questionado por Abissínia:

“Mas você não é do PCB, como é que vai entrar em outro Partido?”, Clóvis respondeu: “Sou comunista, mas acho esse partido necessário. E não quero ficar de fora dele”. Não queria e não ficou. Além de fundador, foi o primeiro presidente do PT de Anápolis.

O PT não lhe faltou. Ao completar 100 anos, recebeu das mãos de Antonio Gomide, então prefeito de Anápolis pelo Partido dos Trabalhadores, a Medalha do Mérito da Cidadania. Recebeu, em vida, muitas outras homenagens. A última, aos 106 anos, em julho de 2014, veio do Partido Comunista Brasileiro, ao qual morreu filiado. Ao camarada Clóvis foi concedida a Medalha Dinarco Reis, a mais alta condecoração do velho PCB. Aos 100 anos, Clóvis fez discurso. Aos 106, quase 107, apenas ouviu atento e agradeceu.

Com a medalha Dinarco Reis em mãos, Clóvis voltou pra mesma casa cheia de memórias do IAPC. E não mais saiu. “Os últimos meses foram serenos e plenos de histórias, mas nunca sobre a vida dele”, conta a cuidadora Ednaci Ferreira, a Edna. “Seu Clóvis gostava de viver, era fã das marchinhas de carnaval, e amava falar de política e do único neto, Luís Ernesto, filho da Leni. Só não gostava quando a gente tocava no passado dele, antes de



casar com a dona Abissínia”.

Edna relata uma das poucas vezes em que conseguiu arrancar do camarada um comentário bem humorado sobre o assunto: “Pouco antes do fim, cerca de um mês antes, com ele já bem fraco, cheguei bem cedo e provoquei: Bom dia, bora pro banho de sol, seu César Carlos Peixoto. E ele, com aquele olhar matreiro, me respondeu: – Bora, mas não é Peixoto. É César Carlos de Almeida”.

Da morte, dona Abissínia diz que Clóvis não gostava muito de falar. Quando lhe contaram sobre a morte de seu amigo e camarada Oscar Niemeyer, também centenário, soltou um muxoxo e comentou: “Nossa, como esse povo morre fácil!”. Era sempre assim, com o mesmo comentário, que recebia a notícia da morte dos amigos. Quando era um daqueles mais de perto, às vezes comentava que faria falta

nas prosas da casa rosa do IAPC.

Com o tempo, a casa precisou passar por reformas. O jardim da frente ganhou grade. Entre a sala de estar, onde Clóvis passava as tardes lendo ou recebendo amigos, e a sala de jantar, na parte de baixo, a escada foi substituída por uma rampa, para a cadeira de rodas. Mexeu-se em tudo, menos na decoração. Na parede da sala de estar, sobre a TV, Lênin preside. Sobre o sofá, na parede lateral, continua o quadro do filme 1900, de Bertolucci.

Mas é na sala de dentro, onde ainda se servem broas e biscoitos, que os tesouros mais queridos do camarada são mantidos. De um lado, a foto do Che, trazida de Cuba pela filha Leni. E, na soleira da porta da cozinha, a puida bandeira de Cuba, também presente de Leni. “Agora mais pro final da vida, meu pai deixava a gente mexer em tudo, até mesmo nos manuscritos do livro que

deixou escrito, Nos Caminhos da Vida, menos nessa bandeira”, diz Leni. Clóvis partiu desse mundo em novembro de 2014. O caixão, coberto com as bandeiras do PCB e do PT, foi reverenciado por camaradas, companheiros, amigos, familiares e populares. Para agradecer, o filho Belloyanes, ambientalista radicado em São Paulo, postou no Facebook os versos de Bertold Brecht:

*A Los que Luchan:  
Hay hombres que luchan un dia  
y son buenos;  
Hay otros que luchan un año y  
son mejores;  
Hay quienes luchan muchos  
años y son muy buenos;  
Pero hay los que luchan toda la  
vida, Esos son los imprescindibles.*  
Clóvis Bueno Monteiro está entre os imprescindíveis.

**Zezé Weiss**  
Jornalista  
Socioambiental



Primeira loja **Ultrabox:**  
PLANALTINA - BR 020 ao lado do Posto Itiquira.

Segunda loja **Ultrabox:**  
GAMA - ao lado do Balão do Periquito.



# ULTRABOX

ATACADO E VAREJO

DF 150 - Km 4

*Grande Colorado*



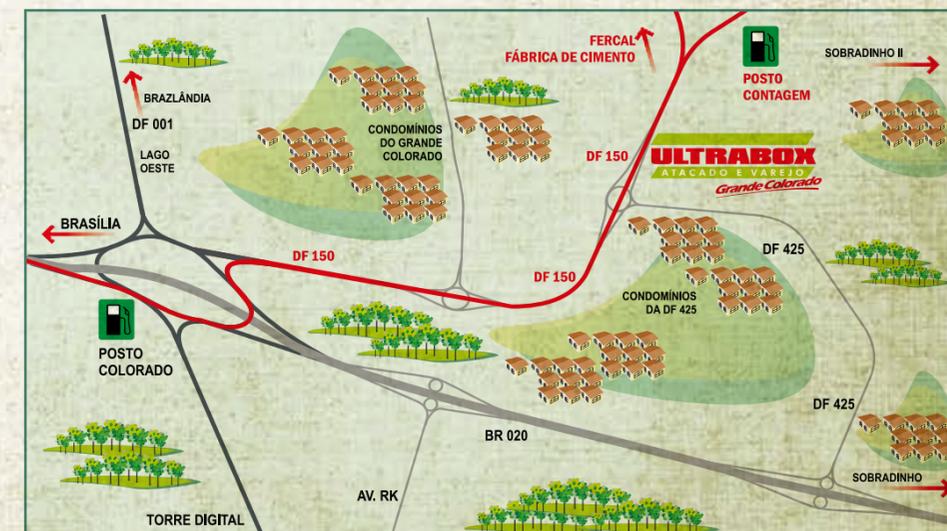
**Sucesso para suas compras  
no atacado e varejo.**



**Ultrabox atende o comerciante:**  
Preço de atacado para você manter seu estoque em dia.

**Ultrabox atende quem produz:**  
Matérias Primas e embalagens para pizzas, quentinhas, biscoitos ou salgadinhos para vender.

**Ultrabox atende você:**  
Preço baixo e qualidade para sua despensa e consumo.



**Ultrabox Grande Colorado, fácil de encontrar. DF 150 - Km 4**





## O DIFÍCIL TRANSPORTE PÚBLICO

Jaime Sautchuk

A vida nas cidades brasileiras é hoje tema de grande preocupação de toda a sociedade. Especial destaque é dado à questão da mobilidade urbana, setor que passa por uma crise sem precedentes na história do Brasil. Assim, vem ao centro das atenções o problema do transporte público.

É inegável que esse enfoque tem razão de ser, mas é de igual modo inquestionável que aquilo que muitas vezes apontamos como “problema do transporte” não é um problema somente do transporte. É da cidade inteira e de regiões metropolitanas. E só será resolvido se olharmos em primeiro lugar para o ser humano que nelas vivem.

Ou seja, o transporte público é apenas o aspecto mais aparente de uma situação que envolve muitas facetas da urbanidade, de modo que não há como

tratá-lo de forma isolada. Não devemos esperar que a solução de seus problemas seja uma panaceia que nos caia do céu. Podemos e devemos tomar medidas urgentes, em curto prazo, mas sabemos que serão paliativas, emergenciais.

O certo é que o transporte está no centro de nossas vidas. Um bom indicador é o de que a maior conquista da sociedade brasileira no início do século passado foi, sem dúvida, a jornada de oito horas de trabalho. Quase cem anos depois, entretanto, o trabalhador volta a ter jornadas de doze ou mais horas diárias, por conta dos demorados deslocamentos a que é submetido.

Outro aspecto que desperta preocupação é o da natureza deste serviço público. Afinal, no posto de saúde ou no hospital

coberto pelo Sistema Único de Saúde (SUS), ninguém paga nada. A escola pública de nossos filhos é de graça, e o ProUni banca a universidade privada. Mas, para andar de ônibus, trem ou metrô, a gente paga. Por quê?

E o que é pior: um terço da fatia de mais baixa renda da população (10% do total) sequer consegue fazer uso do transporte público, pois não pode pagar. E os demais cidadãos situados nessa faixa gastam até 15% da sua renda mensal em locomoções.

Nunca é demais lembrar, como exemplo, que parte do transporte público de Goiânia (o corredor Anhanguera) é gerido diretamente pelo governo estadual. O restante da rede é concessão de empresas privadas, que obtiveram esse direito por meio de licitação pública das 18 prefeituras da

região metropolitana, que têm dificuldades de ajustar normas.

Os governos, em todos os níveis, têm a obrigação de planejar, colocar as medidas em operação e fiscalizar. A Constituição Federal de 1988, em vigor, definiu com clareza o papel de cada ente da Federação também na área do transporte público. Ao governo federal caberia a tarefa de formular políticas, induzir sua execução e capacitar pessoal para tanto.

Com a política de redução do tamanho do Estado, na década de 1990, entretanto, foram extintos os órgãos federais encarregados do planejamento e financiamento dos transportes públicos. Assim, foram dissolvidos, por exemplo, o Grupo de Estudos para Integração da Política de Transportes (Geipot) e a Empresa Brasileira de Transporte Urbano (EBTU). A parte federal ficou capenga, pois.

É bem verdade, porém, que o Brasil não parou de evoluir e já tem leis gerais a respeito da ocupação das cidades que estão entre as melhores do mundo e dão respaldo a qualquer processo de mudanças neste campo. Em 2012, foi aprovada pelo Congresso Nacional e sancionada pela presidenta Dilma Rousseff a Lei da Mobilidade Urbana.

Esse instrumento é fruto de décadas de debates e de estudos técnicos de excelente qualidade. Sua mais forte determinação é de que o transporte público coletivo deve ter prioridade sobre o automóvel particular nas políticas governamentais que tratam da mobilidade urbana. Entre o que está no papel e o que é colocado em prática, no entanto, há boa distância.

De toda forma, essa nova legislação passou as ações governamentais relativas à mobilidade urbana para os estados e municípios. As prefeituras, que estão mais

próximas do dia a dia do sistema de transporte público, no mais das vezes ficaram com a responsabilidade de implementar essas políticas definidas nacionalmente.

Contudo, especialmente nas cidades de menor porte, os governos locais se deparam com uma série de dificuldades, a começar pela falta de pessoal capacitado para a gestão do setor. Assim, como relatam muitos prefeitos, a autoridade pública municipal recorre às empresas privadas quando pretende fazer alterações na área de transportes, inclusive na definição de reajustes de tarifas.

Assim, o preço do transporte ao cidadão fica muitas vezes fora da realidade, a ponto de ser possível baixá-lo, quando há pressão. Em todo o país, após as manifestações de 2013 ocorreram 90 reduções tarifárias, sendo 15 em capitais,

9 em regiões metropolitanas e 66 em pequenas e médias cidades. A redução média foi de 5%, segundo a Associação Nacional de Empresas de Transportes Urbanos (ANTU).

Ainda no ano passado, a presidenta Dilma reuniu o Conselho Nacional das Cidades e entidades da sociedade civil e propôs a formulação do Pacto Nacional pela Mobilidade Urbana. Foi aprovado um documento com propostas de diretrizes e objetivos de funcionamento do pacto, elaborado pelo Comitê Técnico de Trânsito, Transporte e Mobilidade, subordinado ao Conselho, que, por sua vez, é um órgão vinculado ao Ministério das Cidades.

Essa lei também estabelece que as cidades com mais de 20 mil habitantes terão que fazer seus planos de mobilidade. No entanto, sua implantação



Fotos: EBC



tropeça nos mesmos empecilhos enfrentados pela matriz dela, que é o Estatuto das Cidades, em vigor há 13 anos, mas ainda sem os resultados que eram esperados.

Para todos os efeitos, os municípios até fazem seus planos diretores, como essa norma determina, mas daí a implantá-los é outra história, porque são feitos de forma burocrática, longe da comunidade. Há interesses poderosos em jogo, que só serão vencidos por meio de processos democráticos, transparentes, de debate com toda a sociedade.

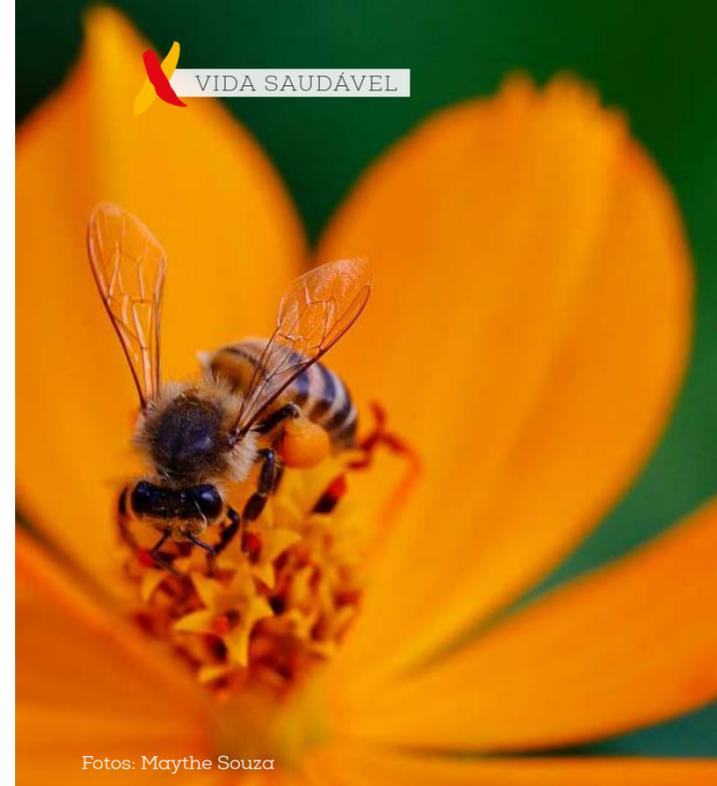
O documento do pacto propõe algo bem mais profundo, que busque soluções capazes de satisfazer os anseios de todos. Da jovem menina secundarista que sacode faixas nas ruas ou do trabalhador combatido pelo tempo ao empresário ou governante de todas as esferas. Basta que estejamos convencidos de que as soluções existem.

Não quer dizer que tenhamos que eliminar o automóvel. O problema não é o carro em si, mas o seu uso. É possível, contudo, elevar a cultura do coletivo, o que significa restringir o espaço destinado ao veículo particular, criando um sistema capaz de atender a todos, com qualidade. Capaz de quebrar tabus sociais, de reduzir o poder do automóvel.

Com isso, será possível dar conotação local ao debate em torno do que virá a ser o Pacto Nacional pela Mobilidade Urbana, de forma inovadora e participativa. Somente assim é que iremos resgatar o conceito de que as cidades são (ou deveriam ser) de todos que as habitam e nelas se mobilizam para seus afazeres diários.



**Jaime Sautchuk**  
Jornalista. Escritor



Fotos: Maythe Souza



# MACROFOTOGRAFIA

A PRÁTICA DA MACROFOTOGRAFIA É UMA ATIVIDADE EXTREMAMENTE RELAXANTE.

Maythe Souza

A macrofotografia exige pouco de nós. Capacidade de observar o "mundo dos pequenos", paciência para encontrar uma situação que nos dê vontade de fotografar e um pouco de técnica. Uma câmera fotográfica que tenha o modo "macro" ou, melhor ainda, uma câmera com lentes intercambiáveis.

Nesse caso, diversas técnicas podem ser utilizadas: filtros "close ups", lentes

invertidas, tubos extensores ou lentes específicas para a macrofotografia, que fornecem ótima qualidade de imagem.

Em todos os casos, a luz é fundamental. Existem flashes específicos para esse fim, mas com um pouco de criatividade é possível criar um difusor de luz adequado para fotografar nossos "modelos", acoplado a um flash dedicado. O presente difusor eu aprendi a fazer num

workshop com o fotógrafo e amigo Valter Patrial (<https://www.facebook.com/valter.patrial>) numa chácara próxima a Luziânia, pois queríamos fotografar o céu longe da poluição das luzes da cidade.

Para construí-lo, basta uma embalagem de sorvete (branca) de 2 litros e um estilete. Cortar com cuidado, conforme as fotos autoexplicativas (preservar as abas) e sair por aí, fotografando!



**Maythe Souza**  
Fotógrafa



Foto: Editora Olho Magico

# A GUERRA DO CONTESTADO

Jaime Sautchuk

A Guerra do Contestado (1912-1916), em Santa Catarina, é considerada o maior conflito armado pela posse da terra já ocorrido no Brasil. O sangrento e prolongado embate, com milhares de mortos, exigiu várias campanhas pesadas do Exército, que pela primeira vez usou avião e metralhadora. Seu resultado foi uma reforma agrária na região.

A guerrilha se tornou conhecida também como "dos Pelados" e "dos Fanáticos". "Contestado" porque aquela área do país ainda era disputada por Paraná e Santa Catarina. "Pelados" porque os rebeldes raspavam a cabeça pra evitar piolhos e outros bichos. E "Fanáticos" por ter uma fachada de movimento

messiânico, religioso.

As razões da guerra, em verdade, foram socioeconômicas. Uma latente tensão social já existia por causa do coronelismo, mas foi a construção da ferrovia São Paulo-Rio Grande que a fez eclodir. O governo federal entregou a obra ao magnata ianque Percival Farquhar, dono da Brazilian Railway Company, que já havia construído a Madeira-Mamoré, no Mato Grosso.

Foram dados à empresa 30 km de terras, em linha reta, às margens da ferrovia, para exploração de madeira e o que bem entendesse, mas aquelas terras já eram habitadas. Andava por lá um monge, de nome José Maria, que pregava o fim do mundo e a ressurreição,

atraindo muitos fiéis. Em torno dele surgiu o conflito, mas ele morreu logo nos primeiros embates armados, ficando a adolescente Maria Rosa como liderança da seita.

Contudo, a moça era guiada por um conselho militar, que incluía seu pai, e repassava comandos como se tivessem sido visões. A luta ganhou vulto por anos a fio e só parou com a rescisão do contrato da ferrovia e o loteamento das terras que haviam sido entregues à empresa construtora, distribuídas a pequenos produtores.

Da produção daqueles minifúndios nasceram os grandes frigoríficos brasileiros (Sadia, Perdigão etc.), nas primeiras décadas do século passado.



Jaime Sautchuk  
Jornalista. Escritor





Café Itiquira. Campeão no sabor e está conquistando seu coração.

**CAFÉ ITIQUIRA**  
torrado e moído



# INSÔNIA

# MALHAR PREVINE

## #vemprarunway



[runway.com.br](http://runway.com.br)

 /runwaybrasil

 /runwayacademia

ÁGUAS CLARAS 3435.9000 ASA NORTE 3349.3236 LAGO NORTE 3964.3030 SUDOESTE 3342.5000